

FORA DE SÉRIE  
JUNHO 2012

# CASAS DE SONHO

*A arquitectura tem destas coisas, transforma o que é simples em lugares inesquecíveis. Cinco casas de autor onde tudo conta, da funcionalidade à estética.*

Revista distribuída com o Diário Económico nº 5435 de 01 de Junho de 2012. Posteriormente vendida em banca ao preço de capa de 1,60 euros.

Diário **Económico**



+

*Os edifícios que rasgam os céus / O Portugal das pousadas / A 'designer' de interiores, Cristina Jorge de Carvalho  
Chez Chemise, a pensar na mulher portuguesa / O negócio hoteleiro de Francis Ford Coppola*



# “A ELEGÂNCIA OBTÉM-SE DA JUSTA POSIÇÃO DE OPOSTOS”

Diz ser uma mulher prática e apreciar a honestidade. A arquitecta de interiores **desenha apenas** quando está no ‘mood’ certo, nem que isso seja às quatro da manhã. E quando não está “inspirada”, entrega-se aos trabalhos burocráticos.

TEXTO DE ANA GUNHA ALMEIDA / FOTOGRAFIA DE PAULA NUNES

**Cristina Jorge de Carvalho** tem todas as razões para ter fê no ano 2012. É verdade que anda aí uma crise, mas também é verdade que quem tem dinheiro, continua a investir desde que exista qualidade. A arquitecta e ‘designer’ de interiores fala de como hoje os portugueses, no mercado particular ou empresarial, já não compram “gato por lebre”. Ganhou dois prémios internacionais, um atribuído pelo projecto conceptual que criou para a Fundação Champalimaud, e outro pelo projecto de interiores que desenhou para o Hotel Altis Prime. Mas tem sido a nova linha de mobiliário que lhe tem ocupado mais tempo nos últimos meses, que está à venda em Portugal e também em lojas e ateliers escolhidos a dedo no estrangeiro.

**A última vez que falámos foi quando abriu com a sua irmã o restaurante Casa México, em Cascais. Já lá vão 12 anos...**

Foi? Já tudo mudou muito...

**Mas na altura já dava os primeiros passos no mundo da decoração, não era?**

Sim, nessa altura, em 2000, quando abrimos o restaurante na marina de Cascais já estava a trabalhar nesta área da decoração. Fiz, nesse ano, um dos projectos grandes que foi o apartamento modelo do condomínio das Águas Livres, a remodelação do hotel Praia Mar e as casas de banho do Palace Buçaco.

**Hoje ainda está envolvida no negócio da restauração?**

Sim, só que a gestão agora está com a minha irmã. É uma gestão rotativa. Tive os primeiros anos e ela agora tem os próximos (risos). **O restaurante Casa México, na Av. D. Carlos, em Lisboa, ainda é vosso?**

Não. Vendemos o espaço no ano passado. Mas a marca, o nome, é nosso. Estamos à procura de outro espaço para abrir em Lisboa.

**Como olha, hoje, para si e para a profissão**

**de pois de muitos anos concentrada na arquitectura e no ‘design’ de interiores?**

Ao longo destes anos, acho que cada projecto é novo, é um começo. Tenho sempre o mesmo entusiasmo. Os projectos são sempre novos. Uma casa é sempre nova. Um hotel é sempre novo. Tenho que corresponder às expectativas do cliente. Defendo que os clientes também nos escolhem porque se identificam com o nosso trabalho, com aquilo que faço. E isso para mim é a base para que as coisas corram bem. Porque se alguém quer um estilo bucólico inglês, então, tem de procurar outra pessoa. Porque não é o meu estilo.

**É qual é o seu estilo?**

(risos) Eu acho que é intemporal. Acho que é elegante sem ser ostensivo. E que tem sempre um grande equilíbrio, quer em termos de cores, quer em termos de texturas. São intemporais e equilibrados.

**Joga muito com o contraste?**

Sim, entre materiais. Gosto muito dos contrastes. A elegância obtém-se da justaposição de opostos. Contudo, uso sempre vários opostos de forma a obter aquilo que considero um equilíbrio.

**Isso também se vê na nova linha de mobiliário?**

Os meus projectos são sempre constituídos por peças desenhadas por mim e algumas desenhadas pelos grandes clássicos do

‘design’. Estamos numa sala desenhada em 2005, passaram sete anos e continua actual. Faço sempre este equilíbrio. Houve uma altura na minha vida em que olhei para as minhas peças de mobiliário e pensei que podia comercializá-las.

**Foi assim que começou nesta área? Fez uma selecção das peças mais seguras?**

São linhas que eu gosto. Estou constantemente a desenhar. Acada novo projecto estou a desenhar. Não quer dizer que não vou buscar coisas a outras que já desenhei. Porque o traço nota-se. Há aqui imensa coisa que uso há muitos anos. Mas agora resolvi criar esta nova linha de mobiliário que vai começar a ser comercializada no meu site. Fora de Portugal será vendida em algumas lojas seleccionadas em alguns países e alguns ateliers de arquitectura e ‘design’ de interiores.

**É um a linha pensada para habitação?**

Sim, sim. Tenho algumas peças desenhadas para escritório, mas neste momento a aposta é em peças para casa.

**Em que países acredita que esta linha terá uma grande aceitação?**

Diria Estados Unidos e Brasil.

**Como se organiza, em termos de trabalho, entre as propostas de arquitectura de interiores e a vontade de criar a linha de mobiliário? De dicou-me mais a quê?**

Tive que dedicar mais tempo à linha de mobiliário. É um trabalho que começou a ser desenvolvido em 2011. É uma questão de organização e uma equipa maior a trabalhar nesta área.

**Quantas pessoas trabalham directamente consigo no atelier?**

Tenho uma equipa que é muito versátil e que trabalha por projectos. A tempo inteiro são nove pessoas, sem contar comigo.

**Qual foi o projecto mais especial que trabalhou?**





Cristine Jorge de Carvalho gosta de criar com liberdade. Diz que o maior erro na área de decoração de interiores é quando os clientes querem projectos à sua imagem.



## Personagem

O projecto da Fundação Champalimaud, apresentado em 2010, sendo que depois nenhuma das equipas convidadas executou o projecto. Era um projecto muito bonito e tive comentários muito positivos. Resultava lindamente e por isso resolvi concorrer ao International Design Awards (ganhou na categoria de "Design de Interiores Conceptual", com medalha de prata). Não ia ficar na prateleira. Parti da arquitectura do edifício do arquitecto indiano Charles Correa e desenhei um balcão em elite, que é uma recepção. A Fundação Champalimaud, tem uma área onde recebe pessoas que vão ser objecto de estudo ou tratamentos. Algumas pessoas identificam-se mais com privacidade, outras não. Pensei criar uma atmosfera hiper-calma e relaxante para pessoas que estão sob intenso stress. Resolvi projectar palavras positivas para comunicar, todos os dias, com os pacientes. Palavras como "fé, força, segurança, alegria". Depois, criei uma zona 'lounge' onde as pessoas que estão à espera têm visão directa sobre o jardim. Os elementos são todos muito naturais. Lá dentro, criei um espaço onde as pessoas são atendidas, são zonas de reflexão da própria arquitectura. São ligeiramente côncavos e há também uns sofás que têm também esta forma orgânica. E ao longo dessa parede, temos a projecção do jardim que vai sempre mudando. É um espaço que tem alma, relaxante, equilibrado, onde apetece estar.

A crise tem de se sentir, na altura em que, de alguma forma neste sector...

Aquilo que sinto é que as pessoas estão mais conscientes. Antes as pessoas pensavam que as bolsas e o imobiliário iriam continuar a crescer ilimitadamente. Agora não é assim. Mesmo as pessoas que têm muito dinheiro ponderam os investimentos. E este é um deles. Mesmo tendo muito dinheiro, há pessoas que preferem comprar carros. Há quem prefira investir num Ferrari e não numa casa gira. Há outros que preferem ter um Smart e ter uma casa gira. E há ainda aqueles que têm o Ferrari, o Smart e a casa gira. Mas ponderam mais. A crise pode ser boa porque as pessoas já não pensam em trocar de casa de cinco em cinco anos. O dinheiro passou a ter uma valorização diferente. Em termos de imobiliário, no nosso país há de facto uma recessão. E acho que esta crise imobiliária também pode ser boa, porque não basta fazer casas. É preciso fazer casas com qualidade. E há casas que são vendidas por milhões de euros que não têm um quarto de vestir, casas de banho, zonas de lavandaria. E depois não percebem porque é que não estão a vender. Hoje não se pode pedir dinheiro por aquilo que não tem qualidade. Hoje já não se vende gato por lebre.

A crise é um desafio no sentido em que tem de procurar soluções para 'budgets' mais limitados? É muito difícil. Se não for possível, não faço. O meu trabalho tem determinadas expectativas e se não tiver o 'budget' que é mesmo preciso, então, o trabalho final não vai ao encontro dessas expectativas. Há certas coisas que não são possíveis de fazer. Também tem um alinhamento de camaleões e tapetes de lá...

Sim. Sempre desenhei. Se preciso de uns lençóis ou de um tapete, eu desenho e mando fazer.

E os fornecedores são nacionais?

São todos nacionais. Continuo a privilegiar a mão-



-de-obra portuguesa. Já foi proposto produzir na China ou na Índia, mas considero que isso é condenar a nossa economia. Portanto, faço tudo em Portugal. Também ganhou um prémio com o projecto do Hotel Altis Prime?

Sim, convidaram-me em 2006 e foi um projecto enorme que só terminou em 2010. Trabalhei esse edifício que tinha já pilares e tive que fazer a arquitectura à volta disso tudo. Foi um projecto que levou anos a fazer, foi toda a parte de arquitecturas de interiores. Funcionou muito bem, foi a aliança entre a arquitectura de interiores e o 'design' de interiores que fez com que ganhasse esse prémio. E também pelas linhas depuradas que tem.

Em que sectores tem sido mais requisitada?

Tenho feito um bocadinho de tudo. Tenho feito hotéis, escritórios, muito arquitectura de casas, não só em Lisboa, mas também no norte e sul de Portugal e fora do país. Spa's, restaurantes... vou fazendo um bocadinho de tudo, o que é ótimo porque estamos sempre a variar.

Portanto, não se sentem em nenhuma quebra no mercado de particulares?

Não, não sinto.

Qual é o maior erro que os portugueses ainda cometem quando falamos de arquitectura de interiores?

Deixe-me pensar... o maior erro que existe, em ter-

**"HOJE NÃO SE PODE PEDIR DINHEIRO POR AQUILO QUE NÃO TEM QUALIDADE. HOJE JÁ NÃO SE VENDE GATO POR LEBRE".**

mos de espaços públicos, é os clientes acharem que têm de gostar. Olharem para um projecto à medida deles. Temos de corresponder a determinado mercado, temos uma clientela e quando se contrata um 'designer', é porque ele é melhor do que eu. Aliás, isso vê-se nas cadeias hoteleiras que às vezes são feitas pela prima ou pela cunhada. E as pessoas depois não têm grande sucesso e não percebem porque. Ou então dizem que não pode usar verde, porque não gosto de verde.

E com o resolve essas questões?

(risos) Se eu for ao médico e ele disser que tenho de tomar um antibiótico, eu tenho de respeitar. Se a contabilista diz que tenho de apresentar o IVA de três em três meses, eu apresento. Os melhores projectos são estes, como o da Fundação Champalimaud, em que temos total liberdade.

Qual o país onde compra mais materiais?

Aquilo que uso existe em Portugal, tirando peles de peixe e de lagarto. O inox, o cobre, as madeiras, os lacados, os aços, tudo isso existe cá. Em termos de criatividade, acho que os holandeses e os nórdicos são super criativos. Qual é o seu maior luxo?

Ter tempo para mim.

E consegue ter?

Cada vez mais dou prioridade ao luxo. Qual a marca ou produto que não larga?

Uma marca ou um produto? Estou-me a lembrar do Colgate (risos). Deixe-me pensar...

Com a qual tenha uma ligação importante?

Gosto muito das velas Ex-voto. A Apple passou a ser uma marca na minha vida. Não largo o protector solar, mas não tenho um a marca específica.

Vi-ja muito?

Não tanto como gostaria.

Se, por circunstâncias da vida, fosse obrigada a emigrar, para onde ia sem hesitar?

Londres, Nova Iorque ou Miami.

E se tivesse de escolher uma cor, qual seria? A que ela que melhor espelha as suas duas vidas: pessoal e profissional?

'Taupe' (toupeira). É a cor com que mais me identifico.

Onde se inspira e o que a motiva?

Não me inspiro em absolutamente nada. Naturalmente que tudo aquilo que está na minha memória tem a ver com as minhas vivências. O que me alicia é o facto de criar algo de novo. É isso que me motiva. E onde vai buscar forças quando não está bem?

Nessa altura, não crio. Simplesmente não crio. Faço coisas administrativas e burocráticas. Porque sei que não vai sair bem... e pode depois sair bem às 04h00. Não é automático.

O que lhe falta fazer que ainda não teve oportunidade de fazer até aqui?

Um hotel num país exótico, tropical.

Com o seu filho e com o marido?

Sou determinada, sou muito objectiva, muito prática, organizada. Sou liberal.

Revê-se com o figura pública?

Não. Não ligo minimamente a isso.

Os valores que mais preza?

A lealdade, a franqueza, a verdade, a rectidão de carácter, a honestidade.

E ainda sopra velas? Já que hoje faz anos...

Sim, já soprei... embora cada ano faça menos anos (risos).